

Trabalhadoras e trabalhadores imigrantes afetados pela crise do petróleo e o Covid-19

Mais uma vez, muitos trabalhadores migrantes do Sul da Ásia no Golfo Pérsico estão em situações extremamente precárias, causadas por choques econômicos globais. Nas últimas semanas falei, por telefone e mensagem de texto, com trabalhadores indianos que trabalham no Golfo para descobrir como a pandemia global de coronavírus está afetando suas vidas. Com a paralisação dos projetos petrolíferos devido à queda da demanda e às guerras de preços anteriores entre a Arábia Saudita e a Rússia, os trabalhadores migrantes no Sul da Ásia estão cada vez mais preocupados com o fato de que não serão pagos pelo seu trabalho e que seus empregadores não pagarão mais pela sua acomodação nos campos.

Estas preocupações estão longe de ser exageradas, especialmente quando se considera a experiência de um grande número de trabalhadores que foram abandonados na sequência da recessão de 2008. As circunstâncias de hoje são mais difíceis. Com o isolamento social forçado para conter a propagação do vírus e as restrições de movimentação entre campos de trabalhadores, não está claro como aqueles abandonados sob as atuais restrições de quarentena serão capazes de atender às suas necessidades diárias. Eles enfrentam a incerteza, preocupam-se com a saúde de sua família e se perguntam como eles e suas famílias vão sobreviver se perderem seus empregos.

Em 2009, sentei-me com um grupo de trabalhadores migrantes do Sul da Ásia que viviam num campo abandonado em Sharjah, nos Emirados Árabes Unidos (EAU) [1]. Enquanto ouvia esses homens contarem suas experiências, um indiano muçulmano, Aijaz,

voltou-se para mim e perguntou em hindi: “Não temos diplomas, nenhum de nós sabe ler. Por que não nos dão o dinheiro que nos devem? Por que ninguém está nos ajudando”? Aijaz e os outros moradores do campo abandonado são apenas alguns dos asiáticos do Sul que conheci durante minha pesquisa em 2009 e 2010 nos Emirados Árabes Unidos. Naquela época o Golfo ainda estava em estado de choque com a Grande Recessão de 2008 e muitos projetos petrolíferos estavam paralisados. As empresas faliram e os donos das empresas fugiram dos Emirados Árabes Unidos por medo de acabar na cadeia por dívidas.

Os trabalhadores abandonados muitas vezes me disseram que nunca foram pagos pelo trabalho que haviam feito antes do fechamento da empresa. Não só não eram pagos, como os homens desses campos não tinham acesso a água, comida e eletricidade. Os trabalhadores abandonados dependiam dos trabalhadores empregados que viviam nos acampamentos vizinhos, que dividiam sua comida e água. Um grupo de voluntários de classe média e alta do Sul da Ásia também ajudou, fornecendo comida para iftar [comida que se consome todas as noites] durante o Ramadan e fornecendo itens de higiene. Finalmente, esses voluntários organizaram uma arrecadação de fundos e, com a receita, compraram passagens aéreas para a volta de Aijaz e seus camaradas no campo.

Hoje, durante a pandemia de Covid-19, trabalhadores migrantes no Sul da Ásia são mantidos cativos por decisões governamentais e empresariais. Eles têm poucas oportunidades para tomar suas próprias decisões e não têm boas soluções. Os trabalhadores temem que, se permanecerem no Golfo, correm o risco de serem abandonados por seus empregadores e infectados pelo coronavírus, devido ao pequeno tamanho das salas em que estão confinados. Se voltarem à Índia enquanto confinados, temem a fome, o aumento da dívida, o desemprego, a possível perda de qualquer propriedade de terra e a campanha anti-muçulmana do governo de Narendra Modi.

Covid-19 e o confinamento no Golfo

Mesmo antes da pandemia do coronavírus, os trabalhadores e trabalhadoras migrantes do sul da Ásia viviam em campos superlotados, em grande parte isolados do resto das pessoas que vivem no Golfo. Hoje, esses lugares superlotados e isolados significam que eles também estão cada vez mais ameaçados de contrair a Covid-19. Como os pobres em grande parte do mundo, os trabalhadores migrantes contraem a doença e morrem dela a uma taxa mais elevada do que o resto da população.

A infecção no Golfo está em ascensão. Em 14 de abril de 2020, os Estados do Golfo relataram coletivamente 16.613 casos de Covid-19. Em 29 de abril, os Estados do Golfo possuíam 50.572 casos. O Qatar tem a maior taxa de infecção, com 4.361 casos por 1 milhão. A maioria dos infectados são trabalhadores migrantes que vivem em um campo fora de Doha. Em 11 de abril, o Bahrein declarou que 45 das 47 pessoas recém-diagnosticadas eram trabalhadores estrangeiros e em 23 de abril, centenas de trabalhadores migrantes foram colocados em quarentena após um número desconhecido ter contraído a doença. A agência de imprensa saudita disse em 5 de abril que 53% dos casos na Arábia Saudita eram migrantes e o Ministério da Saúde disse em 16 de abril que os trabalhadores estrangeiros representavam 80% dos novos casos de Covid-19 no país.

Embora os relatórios sejam incompletos, acredita-se que os trabalhadores estrangeiros são responsáveis pela maioria das infecções e mortes por Covid-19 em todo o Golfo. No entanto, o acesso dos trabalhadores aos recursos médicos parece depender em grande parte das políticas dos empregadores. Segundo os trabalhadores migrantes do sul da Ásia com quem falei, eles também enfrentam dificuldades quando procuram tratamento. Isto se deve, em parte, ao seu conhecimento limitado dos recursos médicos no Golfo. Além disso, os migrantes devem passar por exames médicos antes de se estabelecerem no Golfo, o que muitos consideram desagradável, desconhecido e intrusivo. Os migrantes são dissuadidos de procurar tratamento por causa

dessa experiência limitada e negativa com a atenção sanitária e porque muitos deles conhecem colegas que foram enviados para casa e perderam o emprego por causa de sua doença.

Apesar dessas preocupações, quando uma clínica em Abu Dhabi ofereceu um teste Covid-19, ele atraiu centenas de pessoas, na maioria trabalhadores com salários baixos. Além disso, alguns empregadores me disseram que haviam levado trabalhadores com sintomas graves para os hospitais locais. Nem todos os trabalhadores têm o mesmo acesso aos cuidados de saúde. Recentemente, um grupo de trabalhadores indianos trabalhando em Ajman [a capital do Emirado de Ajman] e doentes com Covid-19 enviou uma mensagem pelo Twitter ao ministro chefe do Estado de Telangana na Índia e ao jornal Times of India para dizer que eles estavam sendo mantidos em quarentena e que não estavam recebendo remédios.

Os trabalhadores indianos apontam que sua vida cotidiana agora está limitada ao seu quarto e, se tiverem sorte, ao seu local de trabalho. De acordo com minhas conversas, parece que a maioria dos projetos nos setores de petróleo e construção foram paralisados, enquanto algumas fábricas permanecem abertas. Quando falei com Ahmed, um trabalhador manual de Bihar, Índia, que trabalha em Abu Dhabi, ele descreveu sua situação da seguinte maneira: ele está confinado a um pequeno dormitório com outros sete homens indianos. Todo o trabalho na empresa dele está parado, mas Ahmed está esperando pelo seu próximo salário. Outro trabalhador indiano, Syed, que trabalha em Sharjah (EAU), explicou que o trabalho em sua fábrica continua, mas eles tomam sua temperatura no início de cada turno. Além do trabalho de fábrica, Syed também está confinado ao seu quarto. Ele não tem certeza do que vai acontecer com ele se tiver febre. Contatei funcionários de algumas empresas que me disseram que estavam usando quartos vazios nos dormitórios de seus funcionários para colocar em quarentena aqueles com sintomas. Por outro lado, outras empresas estão ansiosas para que seus trabalhadores deixem o Golfo. Na zona

industrial do Qatar, uma área com alta taxa de infecções por Covid-19, a Anistia Internacional informa que os trabalhadores nepaleses que lá vivem são presos pela polícia, enviados para centros de detenção e depois deportados para o Nepal.

Os obstáculos para retornar ao país estão se multiplicando

Os trabalhadores migrantes indianos não são apenas ameaçados pela fome ou pela doença, eles também são indesejáveis, tanto no Golfo quanto na Índia. Em 19 de março de 2020, os Emirados Árabes Unidos proibiram a entrada no país de titulares de vistos de residência válidos e começaram a suspender os vistos de trabalho. No dia 23 de março, as duas principais companhias aéreas dos Emirados Árabes Unidos, Etihad e Emirates, pararam todos os vôos de passageiros e fecharam as fronteiras do país. Outros estados do Golfo implementaram medidas semelhantes: o Bahrain fechou as suas fronteiras a todos os estados do Conselho de Cooperação do Golfo, excepto aos seus cidadãos em 18 de Março 2/, Kuwait em 13 de Março, Qatar em 18 de Março e Arábia Saudita em 15 de Março.

Então, em 25 de março, a Índia lançou o confinamento nacional e fechou suas fronteiras. Entre o anúncio e o fechamento efetivo das fronteiras, cidadãos indianos de todo o mundo retornaram ao país. Coincidindo com isso, o governo declarou que todos os cidadãos que passassem pelo Golfo deveriam ser submetidos a uma quarentena de 14 dias, apesar de outros países como os Estados Unidos terem taxas de infecção por Covid-19 mais altas do que os Estados do Golfo. Esta medida teve um impacto desproporcional sobre os indianos pobres, que têm controle limitado sobre suas rotas de vôo e são mais propensos a trabalhar no Golfo do que na América do Norte ou Europa.

Hoje, com as fronteiras fechadas, o governo indiano se recusa a repatriar seus cidadãos que trabalham no Golfo. Esta decisão foi fortemente rejeitada, tanto na Índia como no Golfo. Em carta ao Primeiro Ministro Narendra Modi, o ministro chefe do

estado indiano de Kerala defendeu a repatriação de trabalhadores porque “as medidas preventivas e os métodos de quarentena implementados em Dubai não são eficazes nem adequados”[3] . Os Emirados Árabes Unidos também querem que a Índia repatrie os trabalhadores e se ofereça para pagar os vôos e testes da Covid-19 para os trabalhadores indianos que retornam, enquanto ameaçam deixar de contratar mais trabalhadores indianos no futuro se seu governo não agir rapidamente. Em resposta, em 11 de abril, o embaixador indiano indicou que a Índia não poderia aceitar o retorno de trabalhadores até que o confinamento na Índia fosse levantado, o que está atualmente agendado para 3 de maio.

Durante nossas discussões, migrantes expressaram preocupação com o risco de contrair o coronavírus, de serem abandonados por seus empregadores, ou ambos. Entretanto, apesar dessas preocupações, quase todos os trabalhadores indianos com quem falei disseram que prefeririam continuar trabalhando no Golfo, desde que fossem pagos. A preocupação mais premente para muitos é pagar pelas necessidades diárias de suas famílias, incluindo a alimentação. Se eles voltarem à Índia, eles se perguntam como vão ganhar dinheiro para alimentar suas famílias. Essa preocupação é compartilhada pelos pobres asiáticos do Sul, pois as medidas de contenção implementadas por seus governos dificultam sua capacidade de trabalhar e, conseqüentemente, de se alimentar. Nos últimos dias, desempregados em todo o sul da Ásia organizaram protestos, desde trabalhadores de fábricas e da construção civil no Paquistão até trabalhadores do vestuário em Bangladesh e migrantes internos que vivem nas maiores cidades da Índia [4]. Os manifestantes dizem que morrerão de fome se seus governos não intervierem para alimentá-los ou subsidiar seus salários perdidos durante as medidas de contenção do coronavírus.

Os benefícios e custos (a dívida) da migração para o Golfo

A cada ano, cerca de um milhão de homens indianos, em sua maioria do meio rural, viajam para os países produtores de

petróleo da Península Arábica para trabalhar como operários. A maioria dos indianos do Golfo trabalha em empregos não qualificados ou semi-qualificados, duas das categorias utilizadas pelo governo indiano para classificar os trabalhadores migrantes. Trabalhadores não qualificados referem-se aos trabalhadores manuais que, segundo minha pesquisa, trabalham principalmente no setor da construção civil. Os trabalhadores semi-qualificados geralmente têm formação técnica ou experiência e ocupam posições como montadores de tubulações, dobradores, eletricitas, encanadores, operadores de prensa, pedreiros, soldadores e motoristas.

Muitas famílias pobres vêem a migração transnacional como uma forma de melhorar suas condições de vida. Enquanto historicamente muitos imigrantes vieram de estados do sul da Índia, como Kerala e Tamil Nadu, hoje a maioria deles vem de estados do norte, como Bihar e Uttar Pradesh, que são os mais dependentes da agricultura e apresentam taxas mais altas de desemprego e subemprego [5]. Nesses estados, a maioria das fazendas tem menos de um acre (um acre equivale a 0,4 a 0,5 hectares) e seus proprietários freqüentemente trabalham no que o governo indiano chama de trabalho ocasional, ganhando em média 2-3 dólares por dia [6].

Por outro lado, os migrantes me dizem que trabalhar no Golfo gera seis a dez vezes mais do que trabalho similar na Índia. Portanto, é tentador assumir a dívida necessária para comprar passagens aéreas e pagar uma série de taxas a subempreiteiros, agentes e órgãos governamentais por vistos e empregos.

Essa dívida, muitas vezes acompanhada de taxas de juros muito altas, é na maioria das vezes maior do que o que uma família inteira ganha anualmente. Nas centenas de entrevistas que tenho conduzido com migrantes indianos desde 2008, observei que a esmagadora maioria empresta entre aproximadamente \$915 e \$1,570 (70.000-120.000 rupias) para conseguir um emprego no Golfo. Os migrantes mais afortunados são capazes de pagar essa

quantia após dois a quatro anos de trabalho, embora não seja raro encontrar homens que trabalham no Golfo há mais de uma década e ainda estão pagando suas dívidas.

Voltar para a Índia antes de poder pagar suas dívidas significa que os migrantes não podem atender às necessidades de suas famílias. Além disso, essa dívida corre o risco de os credores assumirem os poucos ativos de suas famílias, como suas pequenas fazendas. Por exemplo, Raj, que trabalhava em Sharjah, nos Emirados Árabes Unidos, mas estava de licença de dois anos de sua aldeia no sul da Índia quando as restrições de viagem foram colocadas, me disse que estava “desesperado” para voltar a trabalhar em Sharjah porque “não há dinheiro nem comida” em sua aldeia. Ele tem medo de perder seu emprego nos Emirados Árabes Unidos e conseqüentemente não poder pagar suas dívidas. Antecipando um futuro sombrio, Raj acredita que em breve estará “desempregado e sem terra”.

O “sentimento anti-muçulmano” crescente na Índia também dificulta o retorno

Os imigrantes indianos dizem que têm poucas chances de escolher ficar no Golfo ou retornar à Índia, mas nenhuma dessas opções é “boa”. Quando eu pergunto o que vai acontecer a seguir, alguns respondem com uma expressão árabe, *tawakkaltu ala-Allah*, indicando que “confiam em Deus”. Outros respondem simplesmente me perguntando em Hindi, *ka karo*, ou “o que devo fazer?” Ambas as respostas apontam para o fato de que os trabalhadores temporários estão extremamente limitados na decisão de seu próprio futuro. À mercê das decisões governamentais e empresariais, eles se preocupam com o que vai acontecer a seguir. Se forem forçados a permanecer no Golfo, arriscam sua saúde e seus empregos, enquanto seu retorno à Índia acarreta seus próprios riscos.

Muitos migrantes temem que a discriminação religiosa que sofrem regularmente na Índia, como muçulmanos, esteja piorando. Um número desproporcional de migrantes indianos no

Golfo são muçulmanos. Os muçulmanos na Índia enfrentam uma série de desigualdades sociais e econômicas. Faiz, um indiano muçulmano que trabalha em Abu Dhabi, explicou como a discriminação religiosa contribuiu para sua decisão de migrar. “Os hindus encontram trabalho mais facilmente [na Índia]. Nós [indianos] temos um governo secular, mas na verdade, a maioria dos não-muçulmanos é favorecida... Quando há um nome muçulmano [em um pedido de emprego ou currículo], eles [empregadores] têm uma atitude diferente, e isso quase sempre se aplica ao governo, educação e negócios. De acordo com um relatório do governo indiano de 2006, os indianos muçulmanos vivem em áreas com pouca infra-estrutura e são regularmente discriminados na esfera pública [7]. Os indianos muçulmanos também são prejudicados pelas baixas taxas de alfabetização, pelo acesso desigual às instituições educacionais e governamentais e pela representação tendenciosa na mídia. Essas desvantagens muitas vezes convergem com as disparidades econômicas regionais para acentuar as desigualdades que elas enfrentam.

Há relatos frequentes de violência contra os muçulmanos na Índia, que estão intimamente relacionados com as políticas nacionalistas hindus que excluem politicamente os muçulmanos. Um exemplo recente é a Lei de Emenda da Cidadania, aprovada em 2019, que acelera o processo de cidadania para os sul-asiáticos de todas as religiões que entram na Índia, exceto os muçulmanos. Após a aprovação desta lei, irromperam protestos sobre a exclusão dos muçulmanos em toda a Índia. Protestos na capital, Nova Deli, no final de fevereiro de 2020, levaram a violentos confrontos entre hindus (incluindo membros da força policial) e muçulmanos. Os motins deixaram pelo menos 53 pessoas mortas, dois terços delas muçulmanas [8]. Durante esses motins, um grupo defensor da “Índia para os hindus” e outros slogans nacionalistas hindus desfilaram ao redor de uma mesquita em chamas e colocaram uma bandeira de um deus hindu no minarete [9] da mesquita.

Hoje, o coronavírus só está alimentando a violência anti-

muçulmana na Índia. Nas últimas semanas, redes sociais na Índia espalharam falsas acusações de que muçulmanos indianos estão transmitindo Covid-19, e esses rumores são usados para incitar a violência contra eles. Em 7 de abril, por exemplo, os hindus atacaram um grupo de homens muçulmanos em Jharkhand [um estado indiano que foi separado de Bihar] e mataram uma pessoa depois que rumores se espalharam de que os muçulmanos estavam “cuspindo” para infectar deliberadamente os hindus com o coronavírus [10].